

Resenha por Marlene das Neves **GUARIENTI**
Doutora em Filologia e Língua Portuguesa/USP
Docente do IFSP/Campus São Paulo

CHARAUDEAU, IDENTIDADE CULTURAL E ENSINO: UM POVO, UMA LÍNGUA, UMA NAÇÃO?

Patrick Charaudeau, *Réflexions sur l'identité culturelle. Un préalable nécessaire à l'enseignement d'une langue*, in Gabry J. et alii, *École, langues et modes de pensée*, CRDP Académie de Créteil, 2005, acessado em 08/01/2014 em <http://www.patrick-charaudeau.com/Reflexions-sur-l-identite,119.html>.

Linguista francês, Patrick Charaudeau é Professor da Universidade Paris XIII, e desenvolve pesquisas sobre práticas discursivas em interações sociais situadas. Em sua trajetória acadêmica, encontramos pesquisas em: estilística, semântica lexical, linguística, análise do discurso, sociolinguística, semiologia, semiótica, narratologia, psicossociologia da linguagem, pragmática, teorias enunciativas, interdisciplinaridade, didática de línguas e formação de professores de língua.

O artigo *Reflexões sobre a identidade cultural. Uma prévia necessária ao ensino de uma língua* – um ensaio em que o autor provoca no leitor a necessidade de se pensar sobre a constituição de uma gramática do sentido – foi publicado em 2005, em obra organizada sob a perspectiva do entrelaçamento das esferas do ensino de línguas e da construção de modos de pensamento, e resenhá-lo se justifica pela relevância do tema tratado para quem, como nós, estamos envolvidos em ensinar uma língua que seja viva, essa que faculta o pensar.

Com agudeza de raciocínio e linguagem clara, esse trabalho, acessível a públicos iniciantes no nível superior, propõe uma discussão de grande interesse para professores de língua e, especialmente, para estudantes de licenciaturas em línguas, pois expõe fragilidades que desmistificam ideias arraigadas e enraizadas que são e estão no seio do que poderíamos tratar por imaginário acadêmico. Algumas dessas pré-concepções, há muito ultrapassadas, ainda não deixaram de exigir novos testes para serem postas à prova - a exemplo do que se passa com os elementos constituintes do patrimônio cultural -, requerendo sucessivas reformulações, até acabarem por servir de exemplo do que fica na contramão do avanço dos estudos relativos à compreensão da relação entre língua, sociedade e identidade cultural.

Esse é um tema que veio à baila do interesse de várias áreas das ciências humanas e sociais há algumas décadas, desafiando a comunidade acadêmica a uma revisão do tratamento das questões que retomam a visão da identidade/alteridade (um *continuum* “*descontinuum*”), voltando-a para a busca de seu estatuto nas categorias envolvidas na construção do discurso eficaz e os papéis que ocupam os atores nas interações sociais. Tema esse que, no tão distante período clássico, já era foco da preocupação da *ars retorica* aristotélica¹, e que ressurge no século XX com questões que reformulam a sua dimensão e se oferecem ao exame do atual estado da arte em termos teóricos e metodológicos.

O autor introduz a sua reflexão apresentando noções de identidade, alteridade, pertencimento e estabelece as respectivas interligações para discutir o papel da língua na construção da identidade cultural. Apontando a língua como um dom herdado, que se constrói, mas que também perdura através do tempo, Charaudeau assume que o seu ensino é inseparável do ensino do substrato cultural ligado a ela, e encarece o papel das estruturas culturais que, caracterizando os grupos sociais, também permitem a existência de variantes, o que implica em relações de força dominação x sujeição entre os diversos grupos. Em outros termos, sua discussão reitera a língua como parte essencial dos processos civilizatórios através dos tempos.

Como subsídio às relações que estabelece, Charaudeau nos oferece um breve registro da trajetória dos modos de pensamento que, através dos tempos, entrelaçaram língua e cultura, um histórico que, no limite, pauta a questão que confronta a diversidade cultural real e a ilusória essência original, como uma fantasia que leva indivíduos e sociedades à “busca de si”, uma espécie de angústia que se acirra em períodos marcados, como viradas de século e/ou de milênio, épocas entendidas pelo imaginário coletivo como final dos tempos – agonia que vivemos, com larga visibilidade, desde as duas últimas décadas do século XX.

De fato, ao se observar o fenômeno da crescente busca dos indivíduos por vínculos com agremiações religiosas, notadamente as fundamentalistas (e a extraordinária multiplicação destas nas últimas três décadas, ainda em vertiginosa expansão), podemos identificar a agonia gerada por uma espécie de necessidade, a que chamamos de busca de salvar a si, com a agonia gerada pela necessidade da busca de si tal qual concebe Charaudeau, e fazer um ensaio sobre o grau de aflição gerado por ambas essas metafísicas filosoficamente tortuosas, posto que cegam indivíduos e comunidades para a questão do espaço da alteridade na vida em sociedade.

Seguindo a sua linha de raciocínio, o autor deixa evidente que tanto essa busca de si (que visa, a todo custo, um resgate histórico e a catalogação de subsídios capazes de materializar uma identidade) só se concebe na soma de diferenças quanto é somente essa soma de diferenças que é capaz de produzir a diferenciação necessária à visualização/concretização de uma identidade cultural, daí a incontornável necessidade da compreensão do jogo argumentativo entre aceitação e rejeição do outro, o que remete à noção de interação e uma interação que é verbal – o que nos coloca em cheio no campo da argumentação, da persuasão, da retórica.

De fato, se o mundo é representação, como quer Schoppenhauerⁱⁱ, podemos entender, com Perelmanⁱⁱⁱ, que vivemos sob a lógica do império retórico, e que, ainda com este último, a psicologia social tende a considerar como estabelecido que o irracional prevaleça nas relações humanas, mas, se pretendemos evitar a violência e a coerção (física ou psicológica), é preciso, no domínio da razão prática das trocas humanas em geral, dar lugar à ética e ao respeito em relação aos distintos valores que definem as distintas identidades culturais.

Daí a importância de uma discussão que trate da compreensão da estreita relação entre as noções de identidade/alteridade e o papel da língua no processo de aproximação e de distanciamento entre indivíduos, comunidades e sociedades, em termos mais amplos, do processo civilizatório.

No que tange aos imaginários ligados à língua - porque os há, e são extremamente presentes na sociedade – Charaudeau traz à tona a questão da representação da comunidade linguística, mas também aponta que a língua é nada sem o discurso. E, se discursos constroem realidades, sejam de paz, sejam de guerra, a prática da língua, ou da escrita, como quer Picard^{iv}, disciplina o pensamento.

Daí, o bom desafio que o autor nos coloca, e que nos provoca enquanto estudiosos e (futuros) docentes: compreender o que significa, de um lado, uma comunidade discursiva com línguas diferentes e, de outro, uma comunidade linguística com discursos diferentes, e ponderar sobre os respectivos sentidos e desdobramentos dessa realidade para e na sociedade.

Admitindo-se a língua como um modo de recortar o mundo, um modo de construir uma visão de mundo e matéria prima para modos de pensamento, Charaudeau nos remete à necessidade de fazer escolhas em relação ao seu tratamento, uma vez que ela é o instrumento pelo qual se veiculam os discursos, e estes, como se sabe, são os operadores ideológicos do acesso ao poder nos diversos espaços comunitários e sociais.

Considerando a relação entre poder (e do empoderamento tanto de indivíduos como também de grupos) e o binômio dominação x submissão, os conflitos humanos e sociais, via de regra, nos levam a concluir, levemente, que “o inferno são os outros”, a despeito de que, como já dizia Sartre^v, “Só a convivência com o outro é capaz de me dar a certeza de que estou fazendo as escolhas que desejo”, o que, de novo, põe no centro do debate a questão da identidade/alteridade e seus respectivos discursos, o que demanda uma análise crítica nos termos de Fairclough^{vi}.

Nesse sentido, considerando a relação entre sociedade, discursos, persuasão, língua e poder, fica clara a postura de Charaudeau quando, fechando a sua reflexão, aponta que uma gramática do sentido seria capaz de revelar implícitos que circulam no universo social, e propõe uma estratégia dialética para as práticas de ensino de línguas em sala de aula: a experimentação com modos de pensamento que levem à reflexão do ser (individual e coletivo) e do estar (no mundo).

Reside aí a grande contribuição do estudo esboçado nesse artigo: destacar a importância do papel dos professores de língua que integram às suas práticas – valendo-se do imenso leque de possibilidades de uso que a língua permite – o descortinamento dos sentidos das diferentes culturas para que os alunos aprendam como viver em sociedades plurais.

Ao se assumir a indissociabilidade entre língua e sociedade, fica patente a importância da contribuição da reflexão de Charaudeau e da investigação tal qual ele a concebe, o que confere ao seu trabalho a sua devida relevância acadêmica para bacharelados em ciências humanas e sociais, e, sobretudo, para graduações voltadas à formação de professores, particularmente, as licenciaturas em línguas.

ⁱ ARISTÓTELES. *Arte Retórica e Arte Poética*. Introd. Goffredo Telles Jr. Trad. Antônio P. Carvalho. Rio de Janeiro, Ediouro - TecnoPrint, 1979.

ⁱⁱ SCHOPENHAUER A. *Die Welt als Wille und Vorstellung*. Frankfurt, 1819.

ⁱⁱⁱ PERELMAN, C. *L'Empire Rhétorique: rhétorique et argumentation*. Paris, Vrin, 1977.

^{iv} PICARD, G. *Tout le monde devrait écrire*. Paris, José Corti, 2006.

^v SARTRE, J.-P. *Huis clos*. Paris, Gallimard, 1944.

^{vi} FAIRCLOUGH, N. *Critical discourse analysis: the critical study of language*. London, Longman, 1995.